

# economia

## Eletros critica exigências regulatórias do setor

Associação defende manutenção do Processo Produtivo Básico, que estabelece etapas mínimas de produção no Brasil

/INDÚSTRIA

Luciane Medeiros, de São Paulo  
luciane.medeiros@jornalcomercio.com.br

A Eletros (Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos) aponta entraves regulatórios que, na avaliação da indústria, reduzem a competitividade da produção nacional diante dos importados. Embora afirme que os fabricantes brasileiros acompanham a evolução tecnológica global, o presidente-executivo da entidade, José Jorge Nascimento, avalia que a atualização das regras não ocorre na mesma velocidade.

“O que nos preocupa não é a nossa capacidade de acompanhar a indústria. O que nos preocupa é a legislação e os regulamentos que nós temos. Às vezes, mudar uma regra dura seis meses, oito meses, um ano”, afirma. Segundo Nascimento, nesse intervalo, produtos importados chegam ao mercado com mais tecnologia e, muitas vezes, preços mais competitivos.

O Brasil é o segundo maior produtor mundial de aparelhos de ar-condicionado, mas as vendas externas permanecem limitadas por questões logísticas. Como exemplo, o executivo cita as dificuldades para abastecer mercados vizinhos. Segundo ele, um aparelho fabricado em Manaus, para ser vendido na Colômbia, precisaria passar por São Paulo e pelo Panamá antes

de finalmente chegar a Bogotá, o que elevaria custos e reduziria a competitividade do produto brasileiro.

A Eletros também defende a manutenção do Processo Produtivo Básico (PPB), conjunto de exigências que define as etapas mínimas de fabricação de um produto dentro do Brasil para que tenha acesso a incentivos fiscais. Segundo Nascimento, no caso da Zona Franca de Manaus, o setor vê com preocupação qualquer aumento das exigências de conteúdo local em um momento de desaceleração do mercado de ar-condicionado.

“Estamos pedindo para que haja uma manutenção da regra atual, para que não haja endurecimento das regras, sob o risco de ter um aumento de custo de produção no momento de grande retração de consumo”, afirma. De acordo com ele, eventuais mudanças poderiam encarecer ainda mais os produtos para o consumidor final, impactando mais ainda nas vendas.

Além da discussão sobre o PPB, a associação apoia a criação de programas de estímulo à renovação dos eletrodomésticos. Segundo Nascimento, os equipamentos atuais são significativamente mais eficientes do que os modelos antigos existentes na casa de uma parte significativa da população. Um ar-condicionado fabricado hoje consome cerca de 50% menos energia do que um aparelho produzido há cinco



GRUPO ELETROLAR/DIVULGAÇÃO/JC

Nascimento sugere ainda a criação de programas de troca de eletrodomésticos por modelos mais eficientes

anos. Geladeiras e máquinas de lavar também registraram avanços importantes em eficiência energética e hídrica.

A proposta em discussão com o governo é criar mecanismos que incentivem a substituição de equipamentos antigos por modelos mais modernos. A medida beneficiaria simultaneamente a indústria, o comércio, os consumidores e a gestão dos recursos de energia e água.

A associação também atribui parte do crescimento recente do setor à melhora das condições financeiras das famílias. Segundo o executivo, programas de re-

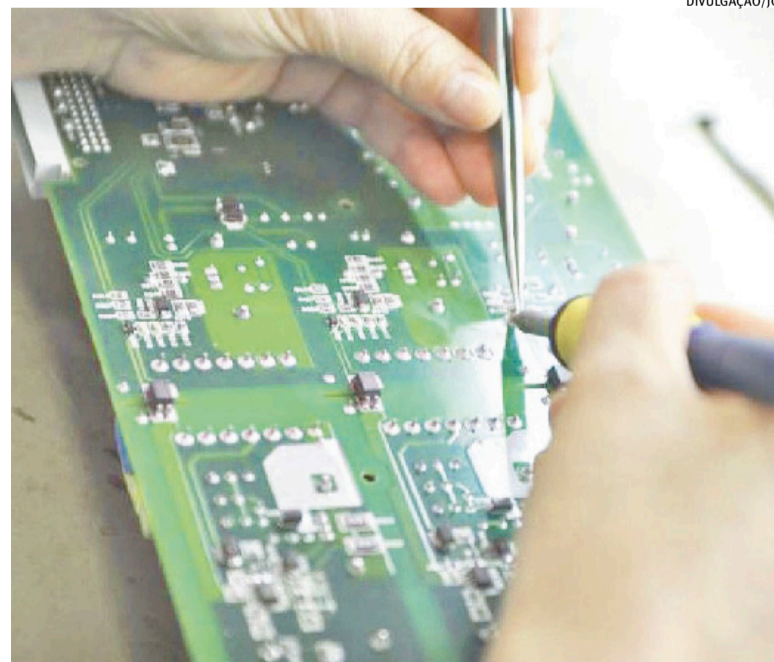
gociação de dívidas, como o Desenrola, tiveram efeito direto sobre o consumo de bens duráveis ao recolocar consumidores adimplentes no mercado.

“O Desenrola perdeu a dívida e as pessoas ‘limparam o nome’ e voltaram ao consumo. Isso porque o brinquedo do adulto é o eletrodoméstico. O brasileiro paga a conta de água, de luz, gastos com alimentação, escola e outros e se sobra dinheiro, que seja R\$ 50,00 ou R\$ 100,00, ele não guarda, mas compra uma Air Fryer, um aspirador que serão pagos parcelados. Você se sente realizado quando olha

para dentro da sua casa e transforma aquela estrutura em um lar. Melhoria da situação econômica e distribuição de renda para o nosso setor é consumo imediato”, explica.

O presidente da Eletros foi um dos painelistas durante a programação da Eletrolar Show All Connected, feira realizada em São Paulo entre os dias 22 e 25, reunindo representantes da indústria nacional e internacional, varejistas e especialistas. Na ocasião, Nascimento falou sobre a transformação digital e competitividade da indústria eletroeletrônica brasileira.

## Indústria eletroeletrônica diz não enfrentar escassez de mão de obra e destaca qualificação



DIVULGAÇÃO/JC

Remuneração do setor afasta concorrência com programas sociais

Ao contrário de outros segmentos da economia que relatam dificuldades para contratar trabalhadores, a indústria eletroeletrônica afirma não enfrentar escassez de mão de obra. Segundo José Jorge Nascimento, presidente da Eletros (Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos), o setor investe na qualificação profissional para acompanhar a crescente sofisticação dos processos produtivos.

O perfil dos profissionais demandados pelas fábricas mudou significativamente nos últimos anos, exigindo conhecimentos que vão além dos tradicionais no chamado ‘chão de fábrica’. “A mão de obra ali, mesmo no chão de fábrica, precisa saber inglês, minimamente conhecer computação e ter

noção de administração de tempos e movimentos”, afirmou, durante a Eletrolar Show All Connected, feira que reúne a indústria e o varejo e foi realizada entre os dias 22 e 25 de junho em São Paulo.

Segundo ele, o custo de formação desses profissionais é elevado, o que leva as empresas a investir continuamente em capacitação e retenção de talentos. “Quando você demite um funcionário, o teu concorrente está na porta pegando ele”, disse.

A necessidade de qualificação também se reflete nos salários. Na avaliação do executivo, a remuneração oferecida pela indústria eletroeletrônica afasta qualquer concorrência com programas de transferência de renda, tema frequentemente citado por empresá-

rios de outros segmentos.

Para a entidade, a qualificação da mão de obra tem sido um dos fatores que permitem à indústria brasileira acompanhar a evolução tecnológica dos produtos fabricados globalmente. O principal desafio, segundo a Eletros, não está na capacidade técnica das empresas e dos trabalhadores, mas na velocidade de atualização das regras e regulamentos que orientam o setor.

Segundo Nascimento, a formação de profissionais especializados se tornou estratégica em um momento em que as fábricas incorporam cada vez mais automação, conectividade e recursos digitais aos processos produtivos e aos próprios eletrodomésticos comercializados no País.